

ENTREVISTA COM MARIA HELENA VIEIRA-ABRAHÃO: SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA¹

Olandina Della Justina²
Elen Rose da Silva Zavitoski Deon³
Luciane Ferreira⁴
Adriana Santos do Carmo⁵
Ana Cláudia Gonçalves de Oliveira Costa
Daiane Freitas Costa
Débora Aparecida Barbosa
Laíne Roberta Stefanelli da Costa
Maysa de Andrade Bossa
Monica Aparecida Teixeira da Fonseca
Natália do Rozário
Nilsa Rodrigues Michelin
Priscilla Souza de Almeida
Tatiane Almeida Avansi
Tiller Barbosa



A professora Maria Helena de Vieira Abrahão realizou estudos de pós-doutorado na Penn State University, PA, USA, é doutora e mestre pela UNICAMP e graduada em Letras pela USP. É pesquisadora e estudiosa da área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e formação de professores. Tem dedicado a sua vida em estudos que são referências e que muito contribuem para a área de Letras, especialmente em linguística aplicada. Atualmente é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE de São José do Rio Preto.

Esta entrevista foi concedida ao PIBID-UNEMAT, Subprojeto de Letras - Língua Inglesa e realizada na data de 04 de outubro de 2013 pelos alunos-bolsistas,

¹Nossos agradecimentos ao Profissional Técnico e Ensino Superior, Jean Carlos Crizóstomo de Souza, pela gentileza na gravação da entrevista.

²Professora Coordenadora de Área do PIBID-Letras-Subprojeto de Língua Inglesa da UNEMAT/Sinop. É Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT) e cursa doutorado em Estudos Linguísticos pela UNESP-IBILCE. E-mail: olandina2008@hotmail.com

³ Professora Supervisora. É graduada em Letras pela UNEMAT e Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira. Atua desde o ano 2000 na educação básica e em curso de idiomas.

⁴ Professora Supervisora. É graduada em Letras e Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino das Línguas Portuguesa e Inglesa pela UNEMAT. É professora da educação básica desde 2007.

⁵ Alunos-bolsistas do PIBID-Subprojeto de Letras-Língua Inglesa do Curso de Letras da UNEMAT-Sinop.

supervisoras e coordenadora de área. Nossos sinceros agradecimentos à professora que muito gentilmente compartilhou sua sabedoria com um sorriso sincero.

Mônica: *Professora, minha pergunta é em relação ao contexto da escola pública e ao da universidade. Você acredita que há uma distância entre as duas instituições? Se há, qual seria a maneira de aproximá-las?*

Maria Helena: Eu acredito que sim, continua havendo muita distância entre a universidade e a escola pública. Eu acho que a solução seria estabelecer parcerias. Seria necessário, por exemplo, que a universidade tivesse um coordenador de estágio. Eu sei que em algumas universidades há essa figura e em outras não. O coordenador de estágio ficaria responsável por estabelecer as parcerias. Quer dizer, a escola pública teria uma função importante, não apenas de receber o estagiário que observa e vai embora. Eu acredito muito em um trabalho colaborativo entre universidade e escola, com projetos colaborativos. Ao entrar na sala de aula, o estagiário tem uma oportunidade fantástica de ver como aquela realidade funciona. Existe muito a visão de que a universidade é tudo e o professor da escola pública não sabe nada. Isto é um mero engano porque o professor sabe gerenciar aquela realidade, ele vive aquela realidade, ele a conhece e muitas vezes o professor da universidade não a conhece da mesma maneira. Nas parcerias, a universidade levaria o conhecimento científico atualizado e a escola entraria com a experiência prática para construir realmente a formação do aluno-professor. Mas, infelizmente, o espaço das duzentas horas necessário ao currículo das licenciaturas, em alguns contextos, é mal aproveitado.

Luciane: *A Sala do Educador, um programa de formação continuada de professores proposto e orientado pela Secretaria do Estado de Educação, não contempla atividades da disciplina de língua inglesa. O que você pensa sobre isto? O que poderia ser feito para melhorar este quadro?*

Maria Helena: Nós tivemos um projeto da Secretaria de Educação de São Paulo, um projeto de formação continuada muito grande que contemplou as diversas áreas do conhecimento e desenvolvido no estado todo. Inglês só foi contemplado na região de São José do Rio Preto porque os diretores das escolas públicas solicitaram que fosse

incluído. Eu não acredito em curso de formação continuada, mas em projeto, porque você precisa ter espaço para discussão. No curso há um professor, um teórico, um especialista em um determinado assunto. Se ele vai dar um curso de formação, falará sobre o que ele sabe e estuda e nem sempre aquilo é de interesse do professor. Quando você desenvolve projetos e parte da prática do professor é diferente, porque você efetivamente vai trabalhar com conteúdos importantes para o professor, para que ele possa compreender melhor sua prática, buscar melhores encaminhamentos. Mas essa é uma realidade: o inglês sempre fica de lado. Todavia, agora parece que o país acordou, o MEC e a CAPES acordaram para elaborar projetos. Atualmente existe um projeto de capacitação de professores de inglês que já está sendo implementado pelas universidades federais no Brasil todo. Então, parece que a coisa está começando a caminhar. Todas as políticas e iniciativas demoram para acontecer e às vezes não ocorrem no país todo devido a sua dimensão, grande diversidade, necessidades diferentes em cada região. Há propostas do Governo Federal e os estados as implementam, pois existe liberdade, não é? Eu acho que para reivindicar projetos na área de língua inglesa, precisaria vir de determinadas instâncias, como no caso de São José do Rio Preto, em que o projeto foi possível porque os diretores pediram e a diretoria de ensino o solicitou.

Débora: *Com base em suas pesquisas sobre crenças, qual é o papel do Curso de Letras no sentido de modificar aquelas dos alunos-acadêmicos que afetam o ensino/aprendizagem? Em outras palavras, que tipo de trabalho pode ser realizado neste sentido?*

Maria Helena: Eu defendo muito o que é chamado de *desempacotamento das crenças*, pois o aluno quando chega no primeiro ano do Curso de Letras já passou por muitos anos na escola do ensino formal. Quer dizer, quantos anos ele esteve sentado em uma sala de aula, só observando os professores, vivenciando diferentes práticas, atitudes e comportamentos? Desta forma, ele vai construindo crenças sobre o que é ensinar língua estrangeira, sobre o que é avaliar e o que é aprender língua estrangeira. Na verdade, socialmente ele vai construindo essas crenças. Nós não podemos dizer que existem crenças certas ou erradas, mas talvez incompatíveis com as teorias contemporâneas sobre ensinar e aprender, ou seja, de repente você tem lá no Curso de

Letras um aluno que acha que ensinar língua estrangeira é ensinar gramática e vocabulário, porém, temos hoje outra concepção de língua que seria a linguagem como prática social. Então, não cabe mais você ensinar gramática. Neste sentido, torna-se interessante que esse aluno reveja as crenças que ele traz consigo sobre o ensino de línguas. Como isso pode acontecer? Eu acredito que é interessante iniciar a graduação com a escrita da autobiografia do aprendiz. Quando trabalhava com práticas de ensino que começava no terceiro ano do curso, primeiramente eu colocava os alunos em grupos para eles relembrem suas histórias de vidas em relação à aprendizagem de línguas. Eu dava um tempo para eles conversarem, depois reservava uns vinte minutos para os estudantes compartilharem as suas experiências. Então, eu propunha que escrevessem seus relatos em seus cadernos. Ao longo do curso, eu pedia que eles fossem relendo suas autobiografias para ver se alguma coisa tinha mudado ou não. Na segunda aula eu aplicava um questionário aos alunos com perguntas como: O que é língua? O que é linguagem? O que é ensinar língua estrangeira? O que é aprender língua estrangeira? O que é erro no ensino-aprendizagem de língua estrangeira? Eram várias questões que eles respondiam e esse questionário também era registrado no caderno. À medida em que eu ia introduzindo o conceito científico por meio das leituras e das discussões, solicitava que eles revisitassem o caderno para ver se algo havia mudado e que registrassem as mudanças pelas quais passavam. Entendo que seja uma coisa interessante de se fazer: antes de ter contato com os conceitos científicos da linguística aplicada, verificar que conhecimentos experienciais foram trazidos para dentro daquele processo de formação. Acho que é muito produtivo. Evidentemente que a mudança de crenças é uma coisa difícil, pois algumas são mais arraigadas que outras e às vezes só com a experiência e alternativas de ação você consegue revê-las.

Adriana: *Considerando que chegamos à universidade com pouco conhecimento da língua inglesa, na sua opinião, o problema está em que ou em quem?*

Maria Helena: A história é longa, a história é muito longa realmente. A gente não pode sacrificar somente o professor, dizer que o professor não sabe, não está capacitado para trabalhar, porque as condições da escola não são as mais favoráveis, a carga horária que se tem é muito restrita. Eu fui professora de escola pública durante muitos anos, então eu sou testemunha que se tiver que acontecer alguma coisa na escola é na aula de inglês,

que é a “menos importante”. É sempre assim. Contudo, cabe ao professor valorizar sua disciplina dentro da escola. Se o professor entra nessa onda de que o inglês não é importante, então vai lá e faz o mínimo dos mínimos porque o inglês não é importante. A valorização vai ser cada dia menor. Por outro lado, se o professor reverte esse quadro, trabalha com o aluno e mostra que o inglês é importante, que ele precisa aprender e faz um trabalho sério na sala de aula, a escola consegue olhar para a língua inglesa de forma diferente. Digo isto por experiência própria porque quando eu trabalhei com o inglês na escola pública, eu era muito criteriosa, trabalhava com carinho e tentava fazer o melhor. Quando eu comecei minha carreira atuei em uma escola particular da elite paulistana e também com alunos da escola pública. Mesmo que os ambientes fossem diferentes e o público também, nem por isso meu trabalho mudava. Tudo aquilo que eu fazia no colégio, onde eu recebia regimento, eu fazia exatamente a mesma coisa na escola pública. Quer dizer, a qualidade do trabalho que eu desenvolvia no colégio particular não era diferente daquele desenvolvido na escola pública. Pelo contrário. Eu me sentia até mais realizada porque eu estava contribuindo para um aluno que não tinha as mesmas oportunidades que os outros. Dentro da escola onde eu fui trabalhar, o inglês que era inicialmente desvalorizado, passou a ser valorizado pela seriedade do meu trabalho. Inglês na época era atividade, você sabe o que é isso? Durante muito tempo o inglês deixou de ser disciplina e passou a ser atividade, não tinha nota só contava frequência, o aluno não era reprovado em inglês. No momento em que você entra numa escola e convence o aluno que o inglês é importante, faz um bom trabalho e ele sente que está aprendendo, ele consegue valorizar sua disciplina e a escola valoriza também. Então, é mais ou menos por aí. Não quero dizer que depende somente do professor, eu acho que a estrutura não favorece também porque naquela época, por exemplo, no Estado de São Paulo o inglês começava na sétima série, o francês também era ofertado. O inglês era ministrado na 7ª, 8ª, 1ª, 2ª e 3ª anos com duas aulas semanais. Então, você tinha que rebolar para conseguir trabalhar. Assim, na universidade o que vai acontecer? No primeiro ano você vai ter aluno que sabe, é fluente em inglês e outro que não sabe nada. E aí? Acho que a universidade tem que encontrar meios. Há universidades, por exemplo, que têm centros de línguas e os alunos que têm deficiência estudam neles, mas nem todas as universidades têm. Então, é trabalhar com monitoria, aqueles alunos que têm mais proficiência ajudam os menos proficientes. É complicado sim, eu entendo

perfeitamente. É um problema de todas as universidades a questão da heterogeneidade, dos diferentes níveis que entram no curso, mas é possível sair com certa fluência em quatro anos, alguns conseguem.

Maysa: *Verificamos constantemente, tanto em contato com alunos egressos quanto nas pesquisas sobre formação de professores de Letras que há lacunas a serem preenchidas em relação à competência linguístico-comunicativa. Onde está a falha no processo?*

Maria Helena: Às vezes o aluno espera tudo da universidade, eu acho que o Curso de Letras não é um curso voltado somente para língua inglesa. Você tem literatura brasileira, literatura portuguesa, linguística, entre outras. São muitas disciplinas. O que acontece: primeiro a carga horária já é insuficiente para formar esse aluno como a gente gostaria. Agora, temos que dizer, o aluno não tem autonomia, ele espera tudo da universidade. Hoje nós estamos vivendo em um mundo que dá perfeitamente pra você complementar os seus conhecimentos de diversas maneiras. Você tem internet, coisa que no passado não existia. Quanta coisa você pode pesquisar, aprender sozinho, sem a universidade, não é? Na universidade onde eu trabalhohá um centro de recursos que foi construído pelo Conselho Britânico que era voltado para a aprendizagem autônoma da língua inglesa. Na época em que eu atuava no Curso de Letras, elenão era muito procurado pelos alunos, mas aqueles alunos que procuravam o centro e procuravam tarefas complementares, realmente tinham desenvolvimento maior que os demais. É questão de buscar também e não esperar somente da universidade, porque às vezes, por melhores intenções que a instituição possa ter, não tem a carga horária suficiente para possibilitar a competência que a gente gostaria. Existe uma preocupação grande com a competência linguístico-comunicativa, inclusive, meu colega Professor Douglas Altamiro Consolo tem um projeto. Ele está desenvolvendo com uma equipe, um exame de proficiência, chamado TEPOLI (Teste de Proficiência Oral em Língua Inglesa), para professores de língua inglesa. Ainda agora ele modificou o teste e o adaptou para avaliar a proficiência do aluno de Letras quando ele sai da universidade, para verificar onde precisa se dedicar mais para que a qualidade seja melhor. Isto é interessante, pode mapear a proficiênciadosalunos e saber onde ele deve investir mais na compreensão oral. Outra questão relevante é o enfoque do ensino do inglês que, em alguns contextos,

ainda o é muito gramaticista, o que não favorece o desenvolvimento da competência linguístico-comunicativa. Talvez um planejamento conjunto das disciplinas de língua inglesa na universidade possa ser outro aspecto favorável.

Tatiane: *As leis propostas para o estágio e vigentes atualmente atendem à formação de professores de qualidade?*

Maria Helena: Depende muito da maneira como esse estágio é conduzido pela universidade, que tipos de atividades são promovidos, o que se espera do estagiário. Escrevi até um artigo que eu discuto a questão dos estágios. Insisto na necessidade de parcerias. O aluno, ao fazer estágio tem que participar de todas as atividades da escola, desde planejamento, reunião, reunião de pais, reunião pedagógica, tem que ter acesso ao projeto pedagógico da instituição. É uma coisa muito mais ampla do que ir lá e assistir a um número “x” de aulas e fazer um relatório. É muito mais do que isso. Há 200 horas para língua estrangeira, se você faz licenciatura dupla são 200 horas para cada área, que é lei. Entretanto, como essas horas são usadas? Não precisa ser totalmente nas escolas, parte da carga horária pode ser destinada à discussão daquilo que acontece na escola. Trazer à discussão aquilo que está acontecendo na escola para o grupo é produtivo, mas há uma questão muito importante que é a ética, é uma coisa que precisa ter atenção. Ao discutir problemas, você não precisa dizer que é da escola “x” ou “y,” professor “x” ou “y”, nem criticar o professor por aquilo que ele faz, é uma coisa delicada. Se você está atuando e tem dificuldades, grave sua aula, faça o visionamento no grupo em sala de aula, discuta com os colegas o que está havendo, o que poderia ser melhorado, repense sobre o que deve ser mudado e refaça o seu planejamento. Estas atitudes podem fazer a diferença. Dependendo da maneira como o estágio é conduzido ele pode ser muito produtivo ou não. A lei está aí, porém a sua implementação varia de instituição para instituição.

Ana Cláudia: *Qual a sua opinião em relação à inclusão do ensino de língua inglesa para crianças em anos iniciais de escolarização?*

Maria Helena: Então, a Professora Telma Gimenez publicou um livro chamado Políticas Linguísticas, pela ALAB e foi lançado no CBLA (Congresso Brasileiro de

Linguística Aplicada). No livro, ela discute sobre a necessidade de haver uma política de ensino de línguas para crianças. Em muitas partes do mundo, realmente, o ensino se inicia mais cedo. Não há, digamos assim, ainda muita comprovação científica dos benefícios. Parece-me que não há ainda pesquisas em número suficiente especialmente no Brasil. Todavia, se nós queremos realmente e se agente enxergar a necessidade da aprendizagem do inglês, quanto mais cedo eu acho que melhor. É evidente que se deve saber como ensinar inglês para criança. Uma criança que não está alfabetizada, ficar escrevendo, o “w”, o “y”, palavras em inglês, não tem sentido. Hoje, a febre são as escolas bilíngues. São caríssimas. Os pais acham que vale a pena. Acho que é válido, se o pai é americano, está no Brasil e futuramente vai voltar para os EUA, a família tem relações familiares fora e a criança precisa de pequeninha aprender a língua. Aí já é outra história. Eu acho importante a inserção da língua inglesa no ensino desde as primeiras séries do ensino fundamental como uma sensibilização sobre a língua inglesa: musicinhas, joguinhos, esse tipo de sensibilização. Não ensinar conteúdos complexos porque não faz o menor sentido e a criança está no processo de alfabetização. Neste caso pode, inclusive, retardar o processo de alfabetização.

Laíne: *Se o professor tiver conhecimento acerca dos conceitos cognitivistas – na linha de Krashen – e sociointeracionistas ele poderá desenvolver melhor o seu trabalho em sala de aula com a língua inglesa? A senhora acha que se o professor tiver o conhecimento dos dois ele consegue conciliá-las em sala de aula e trabalhar melhor dentro da abordagem comunicativa?*

Maria Helena: As teorias não dizem a mesma coisa, porque na verdade o Krashen fala na facilitação do insumo. Ele vai trabalhar com o insumo compreensível para o aluno. No momento que esse insumo for compreensível, o aluno poderá adquirir o conhecimento, mas não existe interação o que, de acordo com Vigotsky, já é uma questão fundamental. É engraçado falar isso, porque o fato de você conhecer a teoria não garante que vai conseguir construir uma prática compatível com essa teoria. Você deve conhecer a teoria, mas também os caminhos, as atividades que você pode promover. Para que a aprendizagem aconteça é resultado das duas coisas. Eu acredito que você aprende a língua por meio da comunicação, saber fazendo, construindo

sentidos com a língua e compreendendo os sentidos que são produzidos por meio dela. O melhor caminho seria dentro dessa perspectiva sociocultural para ensinar língua estrangeira. Colocar os alunos em pares, em grupos também não garante a qualidade da atividade. É importante que para levar à promoção do conhecimento, sempre pensemos na qualidade das atividades.

Natália: *Em algumas escolas públicas, verificamos que há um grande desinteresse em participar das aulas por parte dos alunos. É um grande obstáculo enfrentado pelos professores. O que a senhora pensa que deveria ser feito para minimizar o problema?*

Maria Helena: Eu acredito muito em uma coisa chamada motivação. Se eu conseguir trabalhar um assunto que realmente seja motivador para o aluno, eu não posso garantir o interesse dele, mas é mais provável que eu consiga que ele o tenha. Um ou outro estará desinteressado com qualquer coisa que você trouxer para a sala de aula, mas a maioria pode se interessar mais. Nós estamos trabalhando com a geração “z”. Você acha que um professor motiva o aluno se chegar à sala e ensinar o verbo “to be”, os números para depois perguntar a idade? Se ele for explicar o verbo “to be”, escrever aquele monte de exercícios na lousa, o aluno copiar e responder os exercícios? Quem vai aguentar? Isso era da minha época, há muitos anos atrás. Hoje o jovem está em outra, ele não aguenta mais esse tipo de atividade em sala de aula. Então, tem que trabalhar de acordo com o grupo de alunos que você tem atualmente, é uma outra realidade, uma outra proposta. Para você motivar o aluno tem que selecionar muito bem o que você vai desenvolver em sala de aula para que ele se interesse. Às vezes você faz tudo isso e não consegue, mas é mais provável que ele se interesse do que você trabalhar com conteúdo distante da realidade dele. Há escolas ainda que seguem o primeiro modelo que eu coloquei. É o foco na gramática, ensinam a língua como transmissão, não ensinam a língua, mas sobre a língua. O aluno não se motiva. Deve-se desenvolver atividades compatíveis com a faixa etária e os interesses dos alunos. Não é fácil ser professor, é difícil, é uma tarefa muito complexa.

Tiller: *Quanto ao projeto coordenado pela senhora, o TELETANDEM, como foi o engajamento dos participantes em relação ao uso de uma ferramenta tecnológica para interagir? Já há projetos do mesmo perfil desenvolvido em escolas públicas?*

Maria Helena: A nossa ideia foi desenvolver o projeto primeiro na universidade, porque nós também estávamos aprendendo a trabalhar com o projeto e a nossa intenção depois era levá-lo para a escola pública tanto é que nós oferecemos depois um curso e desenvolvemos o projeto com professores do Centro de Línguas do Estado de São Paulo. No centro de línguas há aulas de inglês, mas os professores que trabalharam conosco eram os professores de espanhol. Apresentamos o TELETANDEM e colocamos esses professores para interagir com professores de português da Argentina e do Uruguai. Assim, trocavam experiências e falavam metade do tempo em português, metade do tempo em espanhol. A nossa ideia era justamente essa: capacitar o professor para que depois ele trabalhasse com as experiências em sala de aula, mas isso não aconteceu. Não aconteceu porque não havia computadores em número suficiente nas escolas, nem todo aluno dispunha de computador em casa. Um professor gostaria de colocar os alunos em contato com alunos da Argentina, mas isso não chegou nas escolas públicas. Na verdade, estava em nível universitário. Agora, o professor de inglês da UNESP faz um contato com o professor de inglês de uma universidade americana e no horário da aula ele leva os alunos para o laboratório e o professor de lá leva os alunos dele também. No laboratório, os alunos interagem durante um período fixo. Não é aquele TELETANDEM em que a gente fazia as parcerias e os alunos interagiam um ano, seis meses dependendo do interesse da dupla. Agora estão chamando de TELETANDEM Institucional. Tem-se feito também o TELETANDEM Presencial, às vezes com estrangeiros que vem para o Brasil em que os alunos metade do tempo falam uma língua e outra metade na outra. Entretanto, nas escolas públicas, realmente que eu saiba este trabalho ainda não acontece.

Nilsa: *Discute-se muito sobre o uso de tecnologia no ensino, eu gostaria de saber o que a senhora acha a respeito de alunos usarem celulares em sala de aula?*

Maria Helena: Eu participei de dois congressos nos Estados Unidos sobre a tecnologia no ensino há dois anos. Já vi estudos com celulares como recursos pedagógicos, mas acho que no Brasil a situação é um pouco difícil. Todo aluno tem celular com internet, com 3G, para poder usá-la na sala de aula? Eu acho que a nossa realidade está um pouco defasada nesse sentido. Quem sabe no futuro as coisas vão ficando mais fáceis. Daqui

há pouco todo mundo estará com celulares bem equipados, mas o que dificulta é a mesma coisa em relação ao uso do computador. Os professores alegam a falta de controle nas atividades junto ao laboratório de informática: alunos entrando em *sites* indesejáveis e por isso perdem o controle. O professor tem que planejar tarefas, determinar tempo e cobrar resultados. O aluno não pode desviar sua atenção. Acho que a nossa realidade está um pouco distante das apresentadas em pesquisas realizadas nos Estados Unidos. Por exemplo, duas orientandas minhas desenvolveram um trabalho sobre o uso de computadores por professores e tiveram por meta capacitá-los para que pudessem fazê-lo dentro de sala de aula. Quando nós fomos fazer a primeira reunião no laboratório de informática, alguns não sabiam nem entrar na internet. Quer dizer, você precisa primeiro trabalhar com aquele letramento básico com professores que não têm a menor familiaridade com computador. Neste caso, para chegar a um uso pedagógico com o computador é um caminho muito distante, a mesma coisa é a questão do celular. No futuro quem sabe.

Priscilla: *Hoje nos é ofertado a disciplina de linguística aplicada e disciplinas que falam sobre tecnologias. Todavia, os professores que foram formados, acredito que antes da década de 90, e atuam nas escolas, não tiveram esta disponibilidade. O que pode ser trabalhado ou ofertado para esses professores no sentido de preencher esta lacuna?*

Maria Helena: Então, a própria lei, que fala dos estágios prevê que os professores que recebem os estagiários também sejam recebidos na universidade em projeto de formação continuada, em contra partida. Não é somente a escola que oferece, mas a universidade também oferecerá oportunidades de desenvolvimento aos professores. Eu sempre defendo isso. Eu acho que seria muito interessante que a universidade sempre oferecesse projetos de formação continuada para capacitar esses professores. Isso deveria fazer parte dessa parceria. Ou talvez uma coisa mais interessante, desenvolver projetos conjuntos. Quer dizer, o olhar da universidade, se juntando com o olhar do professor regente. Se o professor estiver envolvido com um projeto da universidade, ele terá mais abertura para buscar solução para os problemas observados e investigá-los em conjunto.

Daiane: *Qual conselho a senhora, como estudiosa da área de ensino-aprendizagem de línguas, nos daria para sermos bons professores na escola pública?*

Maria Helena: Amor pela profissão, acreditar na educação! Isto é fundamental: você acreditar na educação e ter amor pelo que faz e daí você faz bem! Profissão é paixão! Se você não gosta, vá fazer outra coisa, senão você não faz bem! Você vai ser uma boa professora se você ama o que faz, se faz com amor e os alunos sentem.

Elen: *A CAPES, em parceria com a Embaixada Norte-Americana e a Comissão Fulbright, lançou um programa de aperfeiçoamento para professores de língua inglesa da rede pública de ensino que oportuniza uma imersão nos Estados Unidos por cerca de seis semanas com atividades nas universidades de lá. Em sua opinião, qual a relevância deste tipo de experiência para o professor de língua inglesa?*

Maria Helena: Então, aí é uma questão de você dizer que o professor para ser um bom professor precisa sair do país e passar por um processo de imersão. Você não está valorizando a própria formação dele. Ele tem condições de se formar bem aqui? Sem sair? Porque uma experiência de seis semanas, se você pensar em termos linguísticos, será que vai fazer muita diferença? Não sei, eu acho que o tempo é realmente restrito para ter alguma interferência no nível de proficiência do professor. Acho sim, que o fato dele ir para um país onde a língua é falada, a vivência em uma cultura estrangeira poderá enriquecer suas aulas. Pode ser uma experiência positiva, mas não acho que o tempo de seis semanas faça tanta diferença assim. Melhor do que nada, entendeu? Porque você vai ter a chance de conviver com uma cultura diferente. Acho que este processo deveria ser mais longo mas, pode ser positivo, sim.

Olandina: *No PIBID nós temos um trabalho colaborativo na formação de professores. Temos a sabedoria das escolas, a universidade e os alunos-bolsistas como protagonistas nessa construção coletiva. É um programa do Governo Federal que tem o perfil de unir a teoria com a prática. Como você avalia este tipo de iniciativa?*

Maria Helena: Eu acho muito positiva. Se pensarmos em quantas pessoas estão envolvidas e têm possibilidade de vivenciar esta realidade, é muito bom. Os alunos que

estão envolvidos são diferentes dos outros. Têm outro olhar, outra visão, outras vivências e oportunidades de construção de conhecimento. É uma iniciativa muito boa do governo. O fato de estar no programa traz um engajamento diferente, uma experiência que vai fazer muita diferença na formação. É uma oportunidade de vivenciar a prática, pois a teoria somente tem sentido permeada pela prática.

Olandina: MUITÍSSIMO obrigada por amavelmente ter-nos concedido este momento de conversa profícua para todos nós.

Maria Helena: Imagina! Parabéns a vocês! Todos são empenhados e envolvidos. Continuem assim e serão ótimos profissionais.



Grupo do PIBID-LETRAS-LI juntamente com a Profa. Dra. Maria Helena Vieira Abrahão

Recebido em 11/07/2014.
Aprovado em 04/08/2014.